

Resenha

BERLINGUER, Enrico. Democracia, valor universal. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira; Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, 196p. [Marco Mondaini: seleção, tradução, introdução e notas]

Berlinguer, valor universal

Cássio Augusto Guilherme*



Passados vinte e cinco anos da morte do comunista italiano Enrico Berlinguer, a Fundação Astrogildo Pereira juntamente com a editora Contraponto, dá continuidade à “Série Brasil e Itália”, iniciada com o livro “Por um Novo Reformismo” de Giuseppe Vacca. Assim, foi lançado recentemente, com seleção de textos, tradução e notas do professor Marco Mondaini, o instigante livro “Democracia, Valor Universal”.

O livro em questão reúne diversos excertos de artigos, discursos e entrevistas de Berlinguer, esquematicamente dividido em três capítulos: um dedicado aos tempos como vice-secretário do PCI (1969-1971), o outro do período como secretário-geral do partido (1972-1978) e um último também do tempo de secretário-geral, mas com características distintas (1979-1984).

Antes mesmo dos excertos de Berlinguer, há um artigo de Massimo D’Alema, antigo dirigente do PCI e ex-primeiro-ministro italiano. O texto é uma espécie de introdução ao pensamento de Berlinguer, que é apresentado como o “guia da nossa juventude, das nossas lutas” (p.11). A ênfase dada por D’Alema fica por conta do que ele chama de “pensamentos longos” do político comunista e reformador.

O prefácio ficou por conta do professor Marco Aurélio Nogueira. Nele se enfatiza a influência e a referência de Berlinguer para a esquerda, diante da recente exigência por renovação. Além disso, Nogueira trabalha a recepção do autor no Brasil, em especial no Partido Comunista Brasileiro, na fundação do Partido dos Trabalhadores e o polêmico texto “A democracia como valor universal” de Carlos Nelson Coutinho.

Ponto positivo ao correr dos três capítulos do livro, são as notas introdutórias de Marco Mondaini aos excertos seguintes de Enrico Berlinguer. O leitor é sempre apresentado ao contexto histórico de produção do texto em questão, bem como sua idéia central e repercussões. Estas notas de Mondaini deixam a leitura mais fluente e facilitam a compreensão e reflexão acerca do pensamento de Berlinguer.

O primeiro capítulo é composto por seis textos de Berlinguer, entre os anos 1969-

1971, quando então era vice-secretário do PCI. Podemos observar a posição dos comunistas italianos diante do atrito no movimento comunista internacional devido às rupturas na China e na Tchecoslováquia; o debate dentro do PCI na busca pelo centralismo democrático e contra a divisão interna; a avaliação ante as greves operárias de 1969 na Itália e o surgimento de grupos de extrema-esquerda.

Um dos textos mostra a clara inspiração gramsciana de Berlinguer. Há a discussão sobre o que Gramsci chamou de “questão meridional”, ainda presente na Itália vivida pelo autor, isto é, o grande desenvolvimento do Norte do país, contrastado com a pobreza do Sul. Há também um rompimento com parte do marxismo-leninismo, ao PCI propor o “socialismo como desenvolvimento e realização plena da democracia” (p.68). Por fim o capítulo conta com uma discussão sobre as reformas que podem levar ao socialismo. Para Berlinguer, tais reformas devem ampliar os espaços públicos, sem confundir-se com as de cunho social-democrata.

No segundo capítulo, há quatorze excertos de Berlinguer, durante os anos de secretário-geral do PCI, 1972-1978, com ênfase nas questões do “compromisso histórico” e da “solidariedade nacional”. A partir da derrota do movimento de esquerda no Chile (1973), o autor enfatiza o “compromisso histórico”, pelo qual a esquerda italiana deve priorizar na esperança de manter a democracia nacional. Em outras palavras, uma aliança entre os comunistas, socialistas e católicos. Neste meio tempo, uma onda de atentados terroristas de extrema-direita varre a Itália, bem como o assassinato de Aldo Moro por um grupo de extrema-esquerda converte-se em uma afronta à democracia.

Estão presentes ainda no capítulo, a dificuldade e necessidade de diálogo dos comunistas com os católicos, seja no referendo sobre o divórcio e o direito das mulheres, ou então na discussão acerca do caráter laico do comunismo. Berlinguer ainda reforça a idéia de introduzir elementos do socialismo no capitalismo, como uma forma de luta antifascista no país e acrescenta, de forma polêmica, que sendo um comunista italiano, sente-se mais protegido pela OTAN do que pelo Pacto de Varsóvia.

Por fim, há que se destacar três excertos de Berlinguer que merecem maior atenção. Um em que apresenta a proposta de formação de um governo mundial, observando a necessidade de uma maior cooperação entre todos os países. Outro em que trabalha a idéia de “eurocomunismo”, em parceria com os partidos comunistas da Espanha e da França, com vista à formação de uma “via européia” para o socialismo. Além disso, há o conhecido debate acerca da democracia como valor universal, ou seja, para se atingir o socialismo, seria necessário um profundo respeito às liberdades democráticas individuais e coletivas. Esta talvez seja a originalidade do comunismo italiano.

O terceiro e último capítulo trata do período entre 1979-1984, ano da morte de Berlinguer, quando ainda era secretário-geral do PCI. Aqui destacam-se os temas da “alternativa democrática” e da “questão moral”. Importante salientar que este período é de crise para o partido. A estratégia do “compromisso histórico” é colocada em cheque diante do assassinato de Aldo Moro e nas eleições seguintes diminuem os votos para o PCI. Diante disso, Berlinguer abre a proposta de uma “terceira-via” entre comunismo e social-democracia, ou seja, o retorno ao projeto do Eurocomunismo.

Há nos textos a preocupação em compreender que existem novos extratos sociais na luta revolucionária e que os partidos de massa estão entrando em declínio. Para o autor, necessário se faz a elaboração de uma utopia de “pensamentos longos”, que leve ao socialismo no século XXI. Mondaini resume bem a proposição de Berlinguer:

Qual socialismo? Um socialismo comprometido não apenas com a luta pelo fim da exploração de classe, mas também de todas as formas de opressão: de raça, de sexo, de nação, etc. Um socialismo que, cada vez mais, deveria vincular-se à luta em defesa da paz e à construção de uma “diplomacia dos povos”. (p.153)

No plano internacional, Berlinguer ainda critica a invasão militar do Afeganistão pela URSS, acusando-a de imperialismo nos mesmos modos praticados pelos Estados Unidos, bem como a condenação ao golpe militar da Polônia, que desmantelou o sindicato Solidariedade. No entanto, a crítica mais contundente é a que denuncia a ossificação do marxismo-leninismo, em “uma singular inversão na fundamental inovação filosófica de Marx: sua crítica da ideologia” (p.145).

Ao final do livro, após o Posfácio do diretor da Fundação Instituto Gramsci, Silvio Pons, em que faz um balanço até

certo ponto crítico, das proposições de Berlinguer, há três artigos em anexo, publicados originalmente no jornal italiano *L'Unità* em junho deste ano, por comemoração dos vinte e cinco anos de sua morte.

A guisa de considerações finais, Massimo D'Alema resume o perfil de Enrico Berlinguer da seguinte forma:

Um grande líder democrático daquela República dos partidos que já deixamos para trás e, ao mesmo tempo, um grande líder comunista. Ele percebeu, de modo agudo e dramático, a crise do seu mundo e foi um grande reformador, quer no terreno da vida política nacional, quer no movimento comunista. Mas um reformador derrotado. (...) soube romper os limites da sua tradição e da sua cultura, legando um patrimônio de idéias, de propostas, de sugestões que tem um valor universal. (p.31)

Enfim, é justamente este Berlinguer de valor universal que está presente ao longo de todo o livro, ao trazer para a discussão não apenas questões internas da Itália, mas também do movimento comunista internacional e da construção da sociedade socialista no século XXI. Ao final do livro, fica para o leitor a ânsia de ser também um berlingueriano, ou no mínimo, refletir bastante acerca de suas colocações.



* **CÁSSIO AUGUSTO GUILHERME** é Bacharel em Direito pela UNIPAR-Paranavaí, com Pós-Graduação em Direito Penal e Processual Penal pela UNIPAR-Paranavaí. Graduado e pós-graduando em História pela FAFIPA-Paranavaí.